

376:028

L3322

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS DE PONTES E LACERDA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

GISELLE RESENDE FERREIRA LEMES

LITERATURA PARA JOVENS? SERÁ? COMO?

PONTES E LACERDA-MT

2014/2



GISELLE RESENDE FERREIRA LEMES

LITERATURA PARA JOVENS? SERÁ? COMO?

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso-*Campus* Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Marinei Almeida

Co-Orientador Prof. Me Epaminondas

de Matos Magalhães

PONTES E LACERDA – MT

2014



Aos meus amados pais, Leuzaldo Ferreira Lemes e Maria Augusta Resende Lemes, que sempre me incentivaram, me ajudando a atravessar mais uma etapa da minha vida, não foi fácil, mas vocês me ensinaram que apesar das dificuldades encontradas a vitória sempre vem. Dedico a vocês essa conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me amparou nos momentos mais difíceis da minha vida, me dando força para enfrentar as dificuldades com sabedoria.

Aos meus irmãos, Jorge Aragonês Rodrigues Lemes, Ludimila Resende Lemes e Ana Flávia da Silva Resende, que fazem parte da minha vida e de mais uma conquista, mesmo que indiretamente, meu muito obrigada.

A minhas primas Shirlei Lemes, Sandra Lemes e a Roberto Silveira que muitas vezes dispuseram do seu tempo para me auxiliar em algumas dificuldades encontradas nessa caminhada.

A Marciano Moreira da Silva, por compreender meus horários de estudos, pela paciência e companheirismo.

A minha amiga de fé Adriana Cardoso, obrigada por compartilhar comigo esses anos de estudos, e pelas idas e vindas da Unemat.

Aos amigos que construí na universidade, e que sempre serão lembrados, Adagilson Silva, Adriana Cardoso, Almir Gomes, Cristiano Dutra, Fabíola Lacerda, Nandara Maciel e Renan Gomides.

Aos meus queridos professores que contribuíram para minha formação, proporcionando nesses longos anos crescimento intelectual e pessoal, Dr. Hélió de Moraes Junior, jamais esquecerei as aulas de literatura inglesa e Dr^a Madalena Aparecida Machado, à vocês obrigada pelas tardes de estudos, ao Prof. Dr. José Leonildo Lima pelas tardes de teatros realizadas. Aos professores José Pereira S. Neto, Manuela Arruada, Késia Moraes, Ricardo Marques, Selma Cavalcante, Lara, José Antonio e Carmem ZirrArtuzo, minha eterna gratidão.

À minha orientadora, professora Dr^a Marinei Almeida, agradeço profundamente por ter aceitado a me orientar, contribuindo de forma relevante para essa conquista, muito obrigada por proporcionar esse momento.

Ao meu Co-Orientador, professor Me Epaminondas de Matos Magalhães, que desde minha iniciação ao mundo acadêmico sempre fez parte das minhas conquistas. Obrigada por dividir comigo seus conhecimentos e por me fazer compreender que "um país se faz com homens e livros" (Monteiro Lobato).

Nenhum livro para crianças deve ser escrito para crianças.

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho monográfico apresenta um estudo sobre os interesses de leitura do público *teen*. A finalidade da pesquisa é saber quais são as transformações ocorridas nesses últimos anos na área da leitura, por que a literatura de massa é a preferência do público jovem e qual a influência dos meios de comunicação no processo de leitura. Nossa pesquisa busca demonstrar em que medida a literatura de massa se torna iniciadores de leituras de muitos jovens. Pretendemos, com isso, desmistificar os medos de muitos professores, decorrentes da leitura de literatura de massa, por parte dos adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: leitor, adolescente, massa, suportes, interesses

ABSTRACT

This monograph presents a study on the reading interests of the teen audience. The purpose of the research is to know what are the changes occurred in recent years in the reading area, why the mass of literature is the preference of young people and the influence of the media in the reading process. Our research seeks to demonstrate to what extent mass literature becomes readings initiators of many young people. We intend, therefore, to demystify the fears of many teacher, arising from the mass reading of literature, by adolescents.

KEYWORDS: reader, teen, mass, brackets, interests

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I- DESTEMENTO A LEITURA.....	11
1-1 - Para uma leitura social.....	12
1.2-O papel social da leitura para os adolescentes	13
1.3 – Os (des) caminhos da leitura literária.....	17
1.4-O que /quem é o leitor?	19
II_ OS NOVOS PARADIGMAS DO LEITOR CONTEMPORÂNEO	22
2.1- Os novos suportes de leitura.....	26
III- SELEÇÃO E INTERESSES DE LEITURAS: CAMINHOS E DESCAMINHOS	29
3.1- OS INTERESSES DE LEITURA: CAMINHOS ESTRANHOS	33
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

INTRODUÇÃO

Este trabalho originou-se a partir de alguns questionamentos que surgiram nas aulas de estágio. Sempre que entrávamos em sala de aula percebíamos que os alunos estavam conversando sobre algum livro que estava circulando no momento na mídia. Outro fator importantíssimo para que desencadeássemos nossos questionamentos e que nos chamou muito atenção são referentes às postagens dos alunos no face-book eram sempre pedaços de frases de autores literários como Fernando Pessoa, Clarice Lispector e outros.

Assim, escolhemos como recorte para nossa pesquisa os seguintes apontamentos: o que os jovens preferem como leitura, quais são os suportes de leitura que eles usam no seu dia a dia, e como os professores podem proporcionar um mundo de leitura prazeroso a partir da leitura que os jovens e adolescentes já possuem.

Esse trabalho monográfico dividiu-se em três capítulos. O primeiro capítulo faz uma breve discussão sobre o que é leitura, quais são as leituras existentes e que a leitura é usada como fator social, pois é através dela que o sujeito se comunica. Na sequência o capítulo "Os novos paradigmas do leitor contemporâneo", faz um apanhado desde o surgimento da escrita, passando por todas as transformações e chegando até a era da modernidade.

E por fim o último capítulo intitulado "seleção e interesses de leituras: caminhos e descaminhos", este capítulo aborda questões referentes ao processo de seleção de textos literários. Como selecionar os textos para os jovens, quais são os interesses de leitura do público teen.

No decorrer do trabalho usaremos como apoio teórico para melhor embasarmos nossas discussões sobre a preferência de leitura do público teen: Vera Teixeira Aguiar (2007), Maria Helena Martins (1994), Roger Chartier (1996), Maria da Glória Bordine (1988), Jurandir Freire Costa (S/D), Mario Corso (1999), Antonio Candido (S/D), Umberto Eco (2005), Robert Hans Jauss (1994), Marisa Lajolo (2002), Epaminondas de Matos Magalhães (2012) e Regina Zilberman (1987).

I- DESTEMENTO A LEITURA

A leitura há muito tempo vem sendo objeto de estudos e desenvolve um papel importante na sociedade. Sendo assim, dizemos que leitura é tudo aquilo que esta disponível em nosso dia a dia como: panfletos, jornais, sites, redes sociais, revistas, livros, ou seja, tudo aquilo que exige do leitor uma decodificação seguido de compreensão. Segundo Aguiar (2007): a leitura só acontece quando o leitor compreende determinado enunciado e a partir dele faz suas considerações. E que ler não é apenas uma decodificação das palavras e sim entender todo o significado, utilizar dos seus conhecimentos para ser critico sobre determinados assuntos:

Podemos definir a leitura como uma atividade de percepção e interpretação dos sinais gráficos que se sucedem de forma ordenada, guardando entre si relações de sentido. Ler, assim, não é apenas decifrar palavras, mas perceber sua associação lógica, o encadeamento dos pensamentos, as relações entre eles e, o que é mais importante, assimilar ideias e as intenções do autor, relacionar o que foi apreendido com os conhecimentos anteriores sobre o assunto, tomando posições com espírito critico, e utilizar os conteúdos ideativos adquiridos em novas situações. (AGUIAR,2007, p.27)

É através da leitura que podemos compreender os diversos acontecimentos que nos cercam, como: fazer a leitura de discursos, imagens, símbolos, sinais entre outros. A partir do momento que temos domínio da leitura podemos dizer que a leitura acontece. Para Martins "aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele" (1994.p.15). Sendo assim, o conceito de leitura também se dá por meio do contexto cultural, devemos considerar às diferenças culturais, sociais e a formação do sujeito no decorrer de sua vida, fazendo modificações necessárias para que as transformações aconteçam:

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre experiências atentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos precedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá – nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo a medida que incorporamos experiências de leitura. (MARTINS, 1994. p. 17)

É diante de uma compreensão de leitura que o sujeito faz suas interpretações e produz sentido para o texto lido, formando ideias e interação entre leitor- texto -autor. Outras competências atribuídas para o leitor são os processos que ele deve desenvolver como leitor para que haja compreensão em sua leitura.

Para desenvolver essas capacidades, o aluno deverá construir a sua competência investigativa e compreensiva [...] isto se traduz em ser capaz de refletir sobre as possibilidades de usos da língua, analisando os elementos que determinam esses usos e as formas de dizer [...] o dito e o não dito. (JURADO E ROJO, 2006. p.39)

Esses argumentos fazem com que os alunos compreendam enunciados e construa sentidos a partir do que leu, fazendo de suas leituras, respostas para suas perguntas.

1-1- Para uma leitura social

Num primeiro momento compreendemos que a leitura é de suma importância na formação social do indivíduo, esclarecendo que é através dela que se formam cidadãos. Ressaltamos ainda que a leitura seja um conjunto de significados que podem ser interpretados de diversas formas dando significados diferentes.

As nossas atividades são realizadas no mundo social, em situações concretas, e é através da linguagem, nas suas diferentes modalidades, que realizamos muitas das ações que nos interessam. São situações sociais, com objetivos sociais e com modos sociais de interação, as que determinam, em grande medida, os tipos de atividades que podem ser realizadas, que tipo de contextos podem ser construídos pelos participantes, quais são as interações possíveis. Mas em qualquer instituição, até as mais inflexíveis e sedimentadas, há espaço para mudar, no dia-a-dia, situações que parecem imutáveis, pois os contextos não estão já dados; os participantes na interação criam, de fato, contextos de ação. (KLEIMAN, 2006.p. 25)

É na capacidade da linguagem verbal e não verbal que há interação do leitor com a leitura por meio de vários contextos culturais e sociais construindo as relações da sociedade transformando a realidade por eles vivida.

Antonio Candido nos fala em O direito a Literatura que a literatura de certa forma poder trazer riscos para o leitor:

não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador de personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. (CANDIDO, S/D. pp.175-176)

É com base na literatura que o leitor forma sua opinião, usando da realidade humana para humanizar o leitor literário. Quando Candido fala em humanização e traça os seguintes pontos: um leitor reflexivo, que compreende os problemas da vida humana, a esperteza do mundo a humanidade em geral.

1.2-O papel social da leitura para os adolescentes

Para melhor explicar nossas ideias sobre leitura e sociedade falaremos um pouco sobre como desenvolveu a leitura para no público adolescente, quais

foram às influências que essa sociedade sofreu e o que é necessário para que o sujeito aprenda e desenvolva o conhecimento sobre leitura.

No ano de 1904 o psicólogo G. Stanley Hall publica sua obra "*Adolescence*" que trás considerações sobre o surgimento da adolescência e caracteriza o jovem com dificuldades em manter a concentração em determinados assuntos ou até mesmo impulsivo, agitado e com certa irritabilidade social. Hall afirma que todas essas características eram como um manifesto para garantir sua liberdade sem intervenção de alguém:

[...] hiperatividade e inércia, sensibilidade social e autocentrismo, intuição aguda e loucura infantil -sobre a necessidade de eliminar pressões e condicionamentos que levem os rapazes a uniformizar – se ao comportamento adulto, com a finalidade de realizar todas as possibilidades da adolescência (1996, p.352)

Já no ano de 1950 os jovens adquiriram um estatuto legal e social que entre os anos de 1950 a 1961 passou por vários processos como intervenções do governo até chegarem à conclusão de que os jovens eram sujeitos que ofereciam perigo à sociedade e a si próprio. Após alguns anos foram promovidos debates com profissionais da educação, jovens, poder judiciário e funcionários de escolas, que encontraram elementos suficientes para afirmar que o termo "delinqüência juvenil" podia ser substituído por "cultura dos jovens", pois eles entendiam que juventude estava à procura de uma resposta para suas próprias inquietações. Outro fator a ser definido é a desintegração da familiar.

Segundo Morin (1997) a desintegração da família surge no mundo contemporâneo a partir do momento que a mulher começa a obter seus direitos, então a figura patriarcal entra em decadência. É nesse momento que aparece um cenário cinematográfico do herói sem família, que são representados por bastardos na figura de Hércules e Prometeu.

Diante do pensamento de Morin, percebemos que o casamento apresenta-se como uma instituição que está em decadência, onde filhos são educados a partir de uma guarda compartilhada vivem ao mesmo tempo em diferentes lares, é nesse momento que surge a cultura de massa, que de certa forma ajuda os jovens a se realizarem por sempre apresentar uma leitura que satisfaz o ego do leitor.

O novo modelo é o homem em busca de sua auto-realização, através do amor, do bem-estar, da vida privada...por volta da metade do século XX... encontra, contudo na cultura de massa, um estilo estético – lúdico que se adapta a seu niilismo, uma afirmação de valores privados que corresponde a seu individualismo, e a aventura imaginária, que mantém, sem saciá-la, sua necessidade de aventura. É isso que pode explicar o fato de a adolescência ter podido cavar uma abertura de cultura de massa. (MORIN. 1997 p. 152-155)

Para entendermos melhor como surgiu a cultura de massa devemos nos atentar ao surgimento da modernidade é nessa modernização que aparece o capitalismo com o termo industrial e cultural que trás consigo uma autonomia dos domínios sociais em relação a temas discutidos pela sociedade como religião, etnia, política, cultura e economia:

Vale a pena retomar de início a concepção de modernidade e modernização de Max Weber... Weber foi um dos que procurou o sentido de modernidade (e do capitalismo) indo para além de descrevê-la como "processo de transformações contínuas" ... o sentido de modernização é compreensivamente imputado a posteriori para designar o processo que seria o da racionalização das esferas sociais (economia, política, cultura e religião etc.), a burocratização dos domínios da atividade humana e o desencantamento do mundo (GROPP. 2000,p.32-33)

Outra manifestação que vem crescendo entre o público adolescente é a leitura dos best-sellers ou literatura de massa. Talvez a preferência por essa leitura, seja porque ela é uma linguagem de fácil entendimento e com sua

historia envolvente. Verificamos que a leitura literária clássica é vista pelo aluno como muita dificuldade, pois, são texto com leituras mais eruditas de difícil interpretação e que muitas vezes não fazem parte da realidade de suas vidas. Para Magalhães (2012) a leitura literária muitas vezes causa aversão aos alunos pelo fato dos professores não serem professores leitores, fazendo com que os alunos se interessem por outras leituras até mesmo leituras estrangeiras:

A leitura, na maioria das vezes, é vista pelo aluno como enfadonha porque as práticas leitoras são realizadas por um professor apático e desinteressado pela leitura. Neste sentido, cumpre-nos destacar que a leitura realizada pelo aluno fora de sala de aula, através dos títulos de literatura estrangeira, mesmo não fazendo parte do currículo escolar tem grande aceitabilidade pelo público adolescente, no Brasil (MAGALHAES, 2012, p.39)

Podemos perceber que as literaturas que os jovens iniciam fora das escolas os "best-sellers" servem como ponto de partida para desenvolver o gosto pela leitura. Segundo Magalhães (2012) "devemos ter em mente que a função da escola não diminui diante das escolhas dos jovens, pois cabe a escola e ao professor proceder às orientações necessárias entre leitor e livro". Devemos aproveitar sim a literatura de massa para adentrarmos o universo dos alunos. Sendo que em primeiro lugar devemos apresentar leituras literárias que se identificam com a faixa etária do aluno e até mesmo com suas expectativas.

Conforme Aguiar e Bordine nos fala em seu livro a "formação do leitor" toda obra literária tem que quebrar a expectativa do leitor:

Se a obra corrobora o sistema de valores e normas do leitor, o horizonte de expectativas desse permanece inalterado e sua posição psicológica é de conforto. Não admira que a literatura de massas, pré - fabricada para satisfazer a concepção que o leitor tem do mundo dentro de uma certa classe social, alcance altos níveis de aceitabilidade. Por outro lado, obras literárias que desafiam a compreensão por se afastarem do que é esperado e admissível pelo leitor freqüentemente o repelem ao exigirem um esforço interação demasiado conflitivo com seus sistemas de referências vitais. (AGUIAR E BORDINE, 1988.p.84)

Para as autoras se toda leitura sempre contentar o leitor o deixando em uma zona de conforto, não haverá para ele ampliação de horizonte de expectativa. Nesse sentido a literatura de massa tem grande aceitabilidade por produzir o que sempre é reproduzido na sociedade agradando seus leitores, não fazendo com que ele viva determinado conflito em suas leituras.

Zilberman (1987) nos trás seguintes conclusões: que “os gêneros best-sellers mostram antes a faze material do objeto de arte, aquela que é possível de análise econômica ou ideológica, mas não literária”, nesse sentido para a autora os best-sellers não podem ser considerados literatura por serem criadas para atender o mercado econômico e consecutivamente atendendo o mercado ideológico sempre escrevendo o que os leitores esperam.

Por outro lado algumas questões discutidas nos últimos anos por teóricos é o aumento de leitores das literaturas de massas, e alguns questionamentos são propostos para poder compreender, essa procura constante pelos best-sellers, “porém, quando estas posições são formuladas, a literatura de massa era já uma realidade palpável, como gêneros próprios [...] relato de aventuras, a narrativa erótica [...] o romance gótico, e outros” (ZILBERMAN, 1987.p.101). Então podemos compreender que as literaturas de massas muitas vezes é a porta de acesso para o adolescente se tornar um leitor literário.

1.3 – Os (des) caminhos da leitura literária

Pensar em leitura literária é pensar, primeiramente, no modo como esse ensino vem sendo administrado em sala de aula, uma vez que, o objetivo do docente é despertar nos alunos o interesse pela leitura.

Percebemos que nos dias atuais, a leitura literária em sala de aula tem se dado de forma a acompanhar os programas previstos em livros didáticos que ao invés de fomentar o desejo para leitura, traz apenas trechos de obras

literárias, que são lidas e interpretadas pelos alunos sem levar em conta o momento histórico que acompanhou aquela produção, ou às vezes como estudo biográfico sobre o autor, perde-se então, a identidade do texto literário.

Outro problema que agrava a situação é a relação entre o leitor e o texto. Não são levados em conta, que tipo de texto deve ser apresentado em cada fase da vida do aluno, possibilitando assim um encontro entre seu mundo e o do texto. Segundo Magalhães (2011) em seu artigo "Entre as velhas e as novas crises da leitura na escola" nos traz o seguinte questionamento:

Assim existe inúmeros problemas relacionados a leitura e a má formação do leitores [...]. Não buscamos culpabilizar o professor, mas estabelecendo as responsabilidades de cada um, é preciso ressaltarmos que, como nos afirma Cunha (2003), o professor para formar leitores literários na escola, precisa, antes ser leitor. Não se forma aquilo que não se é. Neste sentido, acreditamos que antes de o professor pensar em formar alunos leitores, ele precisa antes o ser. Dizer que somos leitores é algo que aparenta certa simplicidade, contudo, quando fazemos uma relação mais acurada, percebemos que nem todos que habitam o espaço escolar são leitores. (MAGALHÃES, 2011.p. 74)

É na má formação do professor que estabelece esse impasse entre leitor e texto. Podemos dizer que um professor leitor, saberia separar uma determinada obra literária de acordo com a necessidade do aluno, fazendo com que esta obra interaja com seu mundo. Ele compreenderia também que se ensina a ler obras literárias a partir do contemporâneo para o canônico, e não cometeria tal barbárie, apresentando obras canonizadas para alunos de ensino fundamental, que ainda estão em processo de formação.

Outra abordagem que fazemos é quando são impostos dois ou mais livros por ano, que são escolhidos aleatoriamente e os alunos lêem por obrigação, para apresentar resumo ou preencher ficha de leitura. Muitos lêem resumos publicados na internet. São situações que deixam de trazer o encanto pela leitura e trazem o desencanto.

Atualmente a Literatura na escola é trabalhada juntamente com a disciplina de Língua Portuguesa, com isso o tempo dedicado a ela é muito curto. E isso faz com que o professor muitas vezes use o *texto* apenas como um "*pretexto*" para as aulas de português. Deixando o que realmente importa na literatura de lado. Não basta apenas ler por ler e pronto, é preciso refletir sobre o que se lê; a literatura torna as pessoas, mais, críticas e as humanizam ainda mais. Como afirma Marisa Lajolo "Ou o texto literário dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum." (2002, p. 15)

O professor precisa ser um semeador de ideias, diferentes personalidades se interessam por diferentes leituras, há os que gostam de aventuras, os que são românticos, os que são bem humorados, os que se interessam por histórias de terror e assim por diante, conhecendo bem o aluno, é possível oferecer leituras variadas, que visa despertar o gosto pela leitura. Magalhães afirma que não podemos negar que o novo público que habita a escola, tem gostos diferentes, que vai muito além de textos impressos, mas de visuais, auditivos e performativos. (2011, p.76).

Então, a leitura literária e a escola têm a função de formar sujeitos críticos competentes nos mais diversos assuntos. Fazer com que eles interpretem e reformulem diversas vezes algumas questões propostas e compreendam o significado do texto proposto:

Acredito que as experiências de leitura que a escola deve patrocinar precisem ter como objetivo capacitar os alunos para que, fora da escola, lidem competentemente com a imprevisibilidade das situações de leitura (no sentido amplo e no restrito da expressão) exigidas pela vida social. (ZILBERMAN, 2009.p. 5)

A leitura tem a função de capacitar os alunos para que fora da escola eles possam compreender diversas questões propostas no seu dia a dia.

1.4-O que /quem é o leitor?

Ao longo dos nossos estudos literários, em grupos de estudos, nas salas de aulas sempre nos deparamos com questões como: o que é ser leitor e quem é o leitor? Sabemos que para haver uma interação entre texto e autor é necessária a figura do leitor. Nesse ponto iremos abranger a figura humana na leitura literária, sendo que é através da linguagem que se estabelece a comunicação: "é a através da linguagem que o homem se reconhece como humano, pois, pode se comunicar com outros homens e trocar experiências". (AGUIAR, BORDINI, 1988, p.9)

Numa leitura literária encontramos diferentes leitores, o leitor empírico e o leitor modelo. O leitor idealizado pelos professores são os leitores modelos, aqueles capazes de refletir diante das propostas oferecidas em determinados textos, sendo capaz de compreender o que está tecido nas entrelinhas dos textos:

O Leitor – Modelo de Eco (1979) não só figura como interagente e colaborador do texto: muito mais – e, em certo sentido, menos –, ele/ela nasce com o texto, sendo o sustentáculo de sua estratégia de interpretação. Assim, o que determina a competência dos leitores- modelo é o tipo de stampagem genética que o texto lhes transmitiu [...] Criados com o texto- e nele aprisionados –, os leitores – modelos desfrutam apenas a liberdade que o texto lhes concede (ECO, 1994, p.22).

I O texto necessita da figura do leitor- modelo para fazer suas diferentes interpretações que está nas entrelinhas das obras literárias, pois para Eco (1994) "o texto é uma máquina preguiçosa que espera muita colaboração da parte do leitor". Sabe-se que o texto sempre fornece subsídios para sua interpretação, mas a figura do leitor é de suma importância para que haja a interação entre leitor, autor e texto. Umberto Eco em sua obra "**Interpretação e Superinterpretação**" enfatiza que "entre a intenção inacessível do autor e a intenção discutível do leitor está a intenção transparente do texto, que invalida uma interpretação insustentável." (Eco, 2005, p.93). Para Eco todo texto tem

sua intenção, e não tem como o leitor extrapolar a interpretação, pois o texto diz, e cabe ao leitor fazer uma inter-relação entre o texto.

O leitor empírico é qualquer um de nós quando estamos fazendo a leitura de determinado texto. Os leitores empíricos são aqueles que lêem o texto como se a história fizesse parte de sua vida, não enxergando o que há nas entrelinhas, ficando somente na leitura superficial do texto.

O leitor empírico é você, eu, todos nós, quando lemos determinado texto. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utiliza o texto como receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto (ECO, 1994, p. 14)

A leitura literária é onde o leitor realiza suas interpretações aproveitando-se dos elementos sugeridos, cabendo a ele escolher qual é o leitor que ele deseja ser, o leitor modelo, aquele que interpreta que extrai as informações ocultas contidas nas entrelinhas texto, tanto de ficção, contos ou romances literários. Ou ser leitor empírico que somente decodifica as palavras apropriando – se do texto para suas próprias realizações, pois usam do enredo para navegar em suas fantasias imaginárias e até mesmo fazer um comparativo com sua vida pessoal.

II OS NOVOS PARADIGMAS DO LEITOR CONTEMPORÂNEO

O leitor contemporâneo do século XXI tem seu comportamento ligado ao mundo virtual, usando da tecnologia como suporte midiático para suas leituras e escritas. No mundo globalizado a leitura acaba sendo de forma rápida, através dos livros eletrônicos, blogs de autores e a hipertextualidade da internet.

Essa nova modalidade de leitura, "leitura digital" que surge, surge também para mudar os padrões sociais conforme Gonçalves s/d p. 25 cita Bellei, 2002, p. 19:

Trata-se da mudança da página para a tela que, alterando as formas de fluxo e recepção do conhecimento, coloca em xeque valores perenes da civilização ocidental, como a capacidade humana para produzir e absorver e produzir discursos complexos, a possibilidade de formação do indivíduo e de uma ética individual, e a capacidade de entendimento histórico.

Com o aumento do número de pessoas que a cada dia vivem mais conectados, surgem também novas modalidades de leitura, escrita, novos modos de conviver em sociedade. Lília aparecida Costa Gonçalves (S/D, p. 26) nos fala que a necessidade que o ser humano sente em deixar de alguma forma seus feitos históricos, sua cultura, seus conhecimentos fez com que a cada dia aprimorassem ainda mais seus recursos tecnológicos.

Gonçalves em seu texto *A leitura e as novas formas de ler: um breve histórico* nos fala como surgiu a escrita/ leitura e quais foram o processo sofrido durante a formação da escrita até os dias atuais:

Na sociedade em que não se conhecia a escrita, a transmissão da história era feita através da oralidade [...] O surgimento da escrita foi um marco entre a pré-história da civilização. Embora a utilização da escrita tenha surgido na suméria, quatro milênios antes de Cristo [...] Desta maneira, seu uso era destinado a uma pequena casta. A escrita era feita sobre tábuas de argila utilizando objetos pontiagudos de osso, metal ou marfim[...] A era da argila dá lugar aos rolos de papiro e, devido a sua materialidade, enrolado sobre dois suportes de madeira, o papiro não permitia que fossem feitas comparações de diferentes fragmentos do texto durante a leitura, pois o leitor precisava das duas mãos para desenrolá-lo[...] O desejo de maior interação social, a preocupação com a preservação da cultura de vários povos e o resgate de sua história aliados a uma nova necessidade impulsionam uma nova revolução, a criação do pergaminho e, logo após, o códice. [...] Com o códice a página podia ser viradas e escritas em ambos os lados, a organização textual era feita em duas colunas, eram usados símbolos para marcar os parágrafos e as primeiras letras das palavras eram maiores. Ao contrario do rolo de papiro, o códice podia ser lido sendo segurado somente por uma das mãos, o que permitia a inserção de anotações e comentários a cerca do texto lido. [...] A memória agora preservada pela escrita, está sujeita a diversas produções de sentido, uma vez que o texto, agora não mais oral, não está temporalmente associado ao seu contexto de produção e pode ser difundido em todos os lugares. [...] Em meados do século XV, na Alemanha a "era do Pergaminho se dobrava diante da Era do Papel". O alemão Johannes Gutenberg inventara a prensa de parafuso. Esse fato provocou transformações não somente nas práticas de escrita e leitura, mas de toda ordem na sociedade da época. De fato, inaugurou uma nova fase intelectual e social da história, pois, a arte de imprimir popularizaria a cultura e garantiria a produção em massa da palavra impressa e a propagação do conhecimento para a sociedade, o que significava um abalo na autoridade da igreja, que defendia suas idéias como verdades absolutas e que para manutenção do seu poder mantinha os manuscritos encerrados nos mosteiros e nos conventos, longe da população. Começava assim uma nova forma de pensar o mundo e o próprio existir (ou eu), modificando as interações sociais existentes. O texto ganhava uma nova forma de leitura, uma leitura mais objetiva, aberta a novas possibilidades de interpretação. O leitor passava de ser passivo e tornava-se mais responsável por aquilo que lia, torva-se ativo em seu contato com o texto. (GONÇALVES, s/d, p.p.p. 27-30)

Todas essas práticas de leituras acima citadas foram sofrendo transformações, essas transformações só puderam acontecer devido à

necessidade do ser humano de se comunicar ainda mais, fez surgir novas modalidades de leitura.

Ainda com a fala de Gonçalves (S/D, p.30), o suporte tem o desempenho de fazer circular a escrita na sociedade, porque é ele o meio de comunicação, seja ela impresso ou virtual.

É nessa era virtual que destacamos a sociedade contemporânea, pois, é no século XXI que a tecnologia lança em pouco tempo novos produtos. Fazendo com que o mundo se conecte com muita rapidez. Podemos fazer a leitura do mundo em apenas alguns toques nas telas dos celulares, poucos cliques nos computadores, sendo que a rede mundial de tecnologia nos dá informação do mundo globalizado em questão de segundos.

Para Paulo Freire (2006) a leitura de mundo é necessária para compreensão do que está em sua volta:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2006, p.11)

Sendo assim, é imprescindível que o aluno encontre respostas através de sua leitura, que as inquietações encontradas sirvam para que ele faça seus questionamentos e compreenda o contexto da leitura dada.

Em relação aos leitores de hoje, como já mencionamos são leitores que dão preferência a literatura de massa. Um dos motivos a levarem a essa escolha é buscar fugir da quebra de expectativa que os textos literários clássicos causam:

Trata-se da característica da obra literária de ser um discurso que desfruta de relativa independência em relação aos padrões estabelecidos veiculados por outros discursos e, sendo assim, caracterizar-se por acrescentar informações ainda não integradas à expectativa do grupo que será o destinatário da obra. Desse modo, a obra de arte literária apresenta, sempre, um caráter de reversão de expectativas, na medida em que, sem fazer eco ao discurso oficial do sistema, produz novos

efeitos no público através de informações ainda não absorvidas, mas que passarão a integrar o horizonte do destinatário, provocando uma reelaboração de sua experiência. É nessa medida que a obra de arte literária, no rigor do termo, poderá ser caracterizada como subversiva ou como obscena, no sentido primordial de "aquilo que não está em cena" (CADEMARTORI, 1987, p. 24)

Assim, a obra literária contraria as opiniões dos leitores que sempre preferem textos de fácil interpretação e que correspondem as expectativas do leitor, ao seu mundo.

Zilberman em seu texto "*Recepção e leitura no horizonte da leitura*" nos faz alguns apontamentos sobre a o que o teórico Hans Robert Jauss, fala sobre leitura de massa. O processo de letramento entre os mais pobres, não é gratificante, uma vez que os favorecidos desse fenômeno consomem a literatura de massa, por seu entendimento ser de fácil compreensão e de pouca importância cultural. Sendo assim, quando as obras aparecem o leitor não as deixa cair no vazio, independentes de serem obras cultas ou populares. (ZILBERMAN, Nov. /2014)

Outra discussão pertinente é a da autora Marisa Lajolo (1987) que contribui na definição do leitor contemporâneo com o surgimento da literatura infantil. Ela que nasce na era da modernidade com o escritor Charles Perrault e se fortalece no sistema escolar viabilizando a indústria livresca.

Apesar da precariedade escolar e o predomínio de conteúdos de português como leitura, a literatura infantil sobressai-se por conseguir fazer a interação de ficção com o contexto da obra literária muitas vezes quebrando o horizonte de expectativa do leitor.

O autor Ernani Ssó também nos trás essa relação de fantástico ou realista: "qual é o gênero literário do universo? Realista ou fantástico? A resposta é do Ernesto Sábato: Fantástico, claro!" (SSÓ, 1987, p. 86). Ao mencionarmos o fantástico sabemos que isso envolve as leituras chamadas de maravilhosas aquelas que despertam no leitor sensações que o faz comparar fatos do imaginário com o ficcional:

Literatura fantástica...aquela capaz de suscitar o medo, mais exatamente o medo do desconhecido. O desconhecido e o imprevisível seriam aliados do sonho na criação de um mundo

não real ou espiritual. Assim, fatos não explicáveis através da ciência, mas pertinentes ao mundo real, constituiriam o foco da narrativa fantástica. Estes fatos seriam acrescidos do desconhecido, tratado e formalizado em rituais religiosos, do mundo mistério não decifrado dos cosmos e do folclore popular. (SA, 2003, p.18)

Podemos caracterizar como literatura fantástica os contos de fada, pois, eles possuem essas características por sempre tratar de questões do imaginário aproximando imaginação e ficção. E nesse ponto que os leitores contemporâneos fazem de alicerce na hora da preferência de leitura, escolhem a leitura fantástica por terem familiaridade com os temas da obra a ser lida.

2.1- Os novos suportes de leitura

No mundo atual, a prática de leitura que vem exercendo os leitores contemporâneos são as leituras amparadas pelas tecnologias. Eles se interligam com o mundo através de suas linguagens muitas vezes criadas por eles mesmos, fazendo com que a mensagem chegue ao seu destino desejado. Nesse sentido o mundo online precisa de leitores para que ele possa existir como nos fala Jéferson Assumção em Retratos da leitura no Brasil:

Nesse sentido, o filósofo Renato Janine Ribeiro, diretor de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), considera que a maneira de difundir adequadamente esse hábito cultural, no Brasil, não é defendendo a tradição de leitura, mas, sim, deixando claro que o sujeito contemporâneo só consegue ser interativo com a mídia, sendo, ele mesmo, multimeios. E, para ser multimeios, um dos meios que ele precisa ter é a leitura. (ASSUMÇÃO, 2008, p. 92)

O novo leitor contemporâneo, com seus novos interesses e expectativas de leituras vêm transformando diariamente esses novos hábitos de leituras. São com esses novos suportes de leituras como veremos a seguir, que os leitores se transformam em um dos meios para que a leitura aconteça, e são

somente os sujeitos leitores que são os multimeios dos novos suportes de leituras.

A partir da era contemporânea os meios de comunicação evoluíram ainda mais, e passamos a chamar de mundo virtual. Essas transformações ocorrem de acordo com a globalização do mundo. A necessidade dos acontecimentos se expandirem, e em questões de segundos e ultrapassarem barreiras que jamais imaginávamos alcançar.

Para Roger Chartier a partir do momento que as obras literárias passam a veicular no meio eletrônico, surge aí uma nova maneira de lermos livros que até o presente momento eram impressos.

A leitura conheceu várias revoluções reconhecidas ou discutidas pelos historiadores... assim as conquistas medievais da leitura silenciosa e visual, o furor de ler que tomou conta do século das luzes, ou então, a partir do século XIX o ingresso maciço na leitura de recém-chegados: os meios populares, as mulheres e, dentro ou fora da escola, as crianças. (CHARTIER, 2010,p.9)

Com o surgimento dos novos suportes de leitura o leitor teve que se adaptar aos novos modos de ler, estabelecendo significados para os textos de acordo com a linguagem ali apresentada. Chartier (2010) fala que a leitura em um monitor se dá através de fragmentos de leituras, trechos de poemas, títulos de notícias "ante o monitor, a leitura é uma leitura descontínua, segmentada, mais ligada ao fragmento do que a totalidade". Para o autor "a descontinuidade e fragmentação da leitura não tem o mesmo sentido" uma vez que o sentido um de um texto é organizado proporcionando ao leitor o caminho para compreender o contexto de determinada leitura. (CHARTIER, 2010, p.9)

Ao pensarmos nesses suportes de leitura nos fazemos o seguinte questionamento: os livros impressos desaparecerão com o passar do tempo? Chartier (2010) nos fala que essa questão já foi discutida por inúmeras vezes:

Tais questões já foram discutidas à exaustão pelos inumeráveis discursos que tentam, pela própria abundância, conjurar o desaparecimento anunciado do livro, do escrito e da literatura. Ao deslumbramento diante das promessas incríveis

das navegações por entre arquipélagos de textos digitais, foi oposta a nostalgia por um mundo do estrito que já teríamos perdido. Mas será que havemos realmente de escolher entre o entusiasmo e a deploração? Para situarmos melhor grandezas e misérias do presente, talvez seja útil convocar a única competência da qual podem gabar-se os historiadores. Foram sempre eles lastimáveis profetas, mas, algumas vezes, ao lembrarem que o presente é feito de passados sedimentados ou emaranhados, puderam contribuir para um diagnóstico mais lúcido sobre as novidades que seduziam ou assustavam seus contemporâneos. Essa certeza audaciosa é que me dá coragem no limiar desde ensino. (CHARTIER, 2010, p. 11)

Como podemos perceber os livros digitais não fez desaparecer a cultura literária impressa, mas fez alavancar o número de leitores, leitores de literatura de massa, de revistas, jornais, panfletos etc. E com isso fez com que o sujeito passasse a ter hábitos de leitura.

Para Fraisse (2010) a internet fez com que a barreira existente entre texto impresso e imagem se rompesse, trazendo para perto do leitor algumas características que um texto impresso não apresentaria como o som. Outro mecanismo que a era digital nos revela é a hipertextualidade que não tem começo nem fim, não se prende a um único autor:

A internet pôs fim à separação entre texto impresso, a imagem (fixa ou animada) e o som, o que, evidentemente, o livro é incapaz de fazer. Na internet podemos ler jornal e ilustrar – à vontade – sua leitura como imagens tiradas Youtube, do Dailymotion, ou de qualquer outro site de imagens... A internet não tem, a bem dizer, nem começo e nem fim ao passo que, no caso do livro, toda unidade é fixa: a página, o capítulo, o volume. Desse modo, na internet, ao contrário do livro, não há verdadeiramente um autor, no sentido absoluto do termo, uma vez que todo leitor se torna, por sua vez, combinador de informações e pode responder a uma dada informação, tornando-se ela mesma, por sua vez, objetos de novas respostas: e esse processo é infinito. (FRAISSE, 2010, p. 69)

A internet fez uma revolução nos suportes de leitura. O leitor contemporâneo tem maneiras diferentes de fazer suas leituras sempre utilizando dos recursos tecnológicos existentes nesse mundo globalizado, compartilhando suas idéias, interagindo on-line com outros leitores de redes

sociais, com grupos de estudos através de seus celulares, computadores, tablets ou notebooks.

III- SELEÇÃO E INTERESSES DE LEITURAS: CAMINHOS E DESCAMINHOS

Apesar da era digital estar em alta com seus suportes de leituras cada dia mais avançado, e influenciado os leitores contemporâneos Vera Aguiar em sua obra "Leitura para o 1º Grau: Critérios de Seleção e Sugestões diz que a tarefa de despertar o interesse por livros literários visando o hábito de leitura se inicia com os pais e ao professor cabe a tarefa de moldar os alunos influenciando-os com bons livros literários. (AGUIAR S/D, p.86)

Sabemos que a leitura exerce um papel social importante na sociedade, porque torna o sujeito um cidadão participante no meio em que vive. Nos dias atuais as escolas trabalham com livros didáticos, apostilas aonde muitas vezes o texto literário é apresentado aos alunos em pequenos trechos dificultando a compreensão. Quais são os textos que podemos selecionar para os alunos que desperte neles o hábito de ler. Lembrando que o hábito de ler é critério fundamental para um bom desenvolvimento das atividades de leitura em sala de aula.

Conforme Vera Aguiar (S/D, pp86-90.) nos apresenta as atividades de leitura devem ser selecionadas obedecendo alguns critérios de seleção, critérios estes que atendam as necessidades dos jovens leitores. Portanto a sequência se estabelece da seguinte forma: finalidade de leitura, qualidade do material, assunto, formas, interesses dos alunos. Seguindo esses passos os professores devem projetar suas ideias no processo de formação de leitores como podemos ver nos seguintes apontamentos:

- A) *Finalidade de leitura*: As atividades que atendam a dois objetivos básicos: informação e recreação... A leitura recreativa não visa à aquisição imediata de conhecimentos, mas ela é necessariamente pedagógica, uma vez que passa sempre ao leitor uma mensagem... Enquanto a leitura informativa é alvo de todas as disciplinas, a leitura recreativa, de livros de ficção e poesia, diz respeito especificamente ao professor de Português... Seu exercício possibilitará ao aluno uma forma habitual de lazer, ao mesmo tempo em que aguçará seu espírito de análise e crítica da literatura como expressão cultural.
- B) *Qualidade do material*: adaptação dos componentes do texto à realidade do leitor é uma forma de atenuar a assimetria. A qualidade das obras deve ser pensada, portanto, a partir dos diversos níveis de adaptação.
- C) *Assunto*: é importante, sobretudo, que o texto, ao mesmo tempo em que funcione como um instrumento de integração do sujeito ao meio, através da aceitação dos padrões sociais, conduza-o a refletir sobre a realidade, posicionando-se criticamente diante da mesma. Para isso, é necessário que a figura do herói, à qual o leitor se identificará projete a imagem de uma criança empreendedora, a que age e instiga as demais personagens à ação. Sua trajetória a levará ao amadurecimento, à descoberta de valores e não à simples aceitação de norma adulta.
- D) *Forma*: as histórias destinadas à infância e à juventude devem constituir-se em narrações lineares e dinâmicas. A linearidade do texto diz respeito a seu fluir temporal – início – meio e fim
- E) *Interesses dos alunos*: o interesse pela leitura é assim, uma atividade favorável em relação ao texto, gerada por uma necessidade, que provoca a ação de ler.
- ✓ tomar conhecimento genérico de ocorrências atuais (leitura de jornal, revista etc.);
 - ✓ seguir instruções (leitura de receitas médica, bula de remédio, receita de bolo, manual de mecânica, etc.);
 - ✓ recrear-se (leitura de ficção, de poesia);
 - ✓ estudar (leitura de livros informativos, artigos, etc.)

Após, o professor verificar a qualidade do material conforme acima citado e avaliar como esse material será atribuído aos alunos, ele saberá compreender que um livro para um adolescente tem que ser agradável despertando, assim, o prazer da leitura. Prazer este que está direcionada nas questões humanas, que fazem parte do cotidiano estabelecendo um parentesco entre vida real e vida ficcional.

Como se percebe o professor tem que ser o mediador entre alunos e livros. Sabemos que a tarefa não é fácil, pois muitas vezes temos que

despertar no aluno à vontade de ler algum conto, poema, uma crônica ou um romance. Para o autor Rildo Cosson são necessárias algumas transformações no planejamento das aulas:

Ao denominar *motivação* a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. [...] Com a segunda interpretação, encerra-se o trabalho de leitura centrada na obra e é chegado o momento de se investir nas relações textuais. É esse movimento de ultrapassagem do limite de um texto para outros textos, quer visto como extrapolação dentro do processo de leitura, quer visto como intertextualidade no campo literário, que denominamos de expansão. Desse modo, a expansão busca destacar as possibilidades de diálogo que toda obra articula com os textos que a precedem ou que lhes são contemporâneos ou posteriores. (COSSON, 2006.p.8)

Nesse sentido, a motivação corresponde a diferentes maneiras de envolver o aluno em uma leitura, fazendo com que se posicione diante de perguntas ou interpretações. Outro ponto é a leitura protocolada¹, que faz com que o aluno crie expectativas sobre o que estão lendo, pois, segundo Cosson (2006) “ao acompanhar a leitura [...] professor poderá ajudá-los a resolver problemas de interação com o texto”.

Cosson (2006, p.17) fala que é “a literatura que torna o mundo compreensível transformando a sua materialidade em cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”, através desse conceito Rildo Cosson explana seus ideais de letramento literário:

Na sala de aula, a primeira coisa a fazer é selecionar o livro que será lido e discutido pela turma. O professor deve ficar atento ao processo de escolarização da literatura. Determinar rituais de leitura, como se deve ler, o que ler e em quanto

¹Leitura protocolada: pausas intencionais de leitura, quando o mediador da leitura faz uma pausa para indagar o leitor /aluno, instigando suas expectativas de leitura

tempo ler. A literatura e os estudos dos textos literários é, em sala de aula, outra instância da escolarização. (COSSON, s/d, p. 103)

O letramento literário vem beneficiar os jovens leitores, pois, é através das seleções de textos que podemos saber qual é a integridade dos textos apresentados aos alunos, acompanhar de forma árdua todo o desenvolvimento em sala de aula dos textos propostos.

Temos ciência de que o caminho para adquirir o hábito de leitura é árduo. E para que esse caminho seja menos penoso temos que compreender que a leitura é um processo envolvente:

O hábito de ler requer tempo, vontade e interesse. É muito difícil de uma hora para outra, despertar o gosto pela leitura, até por que a leitura deve envolver seu público do mesmo modo com que o leitor em um processo interativo de interpretação. (SOUZA, 2012, p. 2).

Para que o aluno possa se envolver com a leitura, temos que proporcionar conhecimentos e ampliar seus horizontes. E isso acontece quando passamos a conhecer os gostos de leitura do leitor, pois, só assim conseguiremos adentrar seu mundo, sabendo quais são suas leituras preferidas ou que gênero de leitura eles preferem se é romance, aventura, horror, auto-ajuda, suspense entre outros.

Destacamos neste momento que saber qual é a leitura de mundo e o nível de compreensão que os jovens alunos possuem de leitura é muito importante, por que facilita o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula, um trabalho mediador entre professor/ aluno/leitura. Nesse trabalho o professor terá que desenvolver as seguintes competências: imaginação, criatividade, compreensão e interpretação. Souza (2012, p. 3) "ao ler, o aluno aprende, conquista, desenvolve a comunicação, o gosto pelo diferente e criatividade para saber como, quando e o que falar na hora de se comunicar".

A partir do momento que o aluno introduz diariamente o hábito de leitura em sua vida, ele passa a construir novas ideias, faz com que sua imaginação

amplie ainda mais, passe a ser mais comunicativo. A leitura auxilia até na escrita do aluno:

O texto precisa unir autor e leitor tão bem integrados que os dois se confundam e se tornem elemento único no contexto. Que os dois façam do texto, um teto para uma co-habitação harmônica. Que os dois continuem a construção do te(x)to, pois a vida do te(x)to é sua construção. O te(x)to nunca está acabado. O que o eterniza é sua leitura. (LIMA, 1998, p. 19)

O leitor desempenha um papel fundamental na construção de sentidos de um texto. É ele que faz a interpretação dos sentidos propostos no texto, dando várias possibilidades de interpretação para um mesmo texto.

3.1- OS INTERESSES DE LEITURA: CAMINHOS ESTRANHOS

Segundo a pesquisa realizada pelo instituto Pró- livro *Retratos da leitura no Brasil*(2012), com os seguintes questionamentos: quais os tipos de livro você costuma ler? Qual é o livro que mais marcou você? E qual foi o livro que leu ou está lendo? A pesquisa revela que 41% dos jovens entre 14 a 17 anos preferem ler romance.

Conforme a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* nos mostra, podemos fazer uma definição sobre a leitura entre os brasileiros, que correspondem da seguinte maneira: "Leitor e Não – leitor". Leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses. E não leitor é aquele que não leu, nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses. Podemos então fazer as seguintes afirmações como nos trás as explanações gráficas da pesquisa do instituto pró- livro que 88,2 milhões dos brasileiros são leitores, ou seja, 50% da população.

A partir desses dados fazemos as seguintes classificações que a pesquisa trás. O livro mais marcante para os leitores participantes da pesquisa foram os seguintes dados:

- 1º- Bíblia
- 2º- **A Cabana**
- 3º- Ágape
- 4º- O Sítio do Pica-pau Amarelo
- 5º- Pequeno Príncipe
- 6º- Dom Casmurro
- 7º- **Crepúsculo**
- 8º- **Harry Potter**
- 9º- **Violetas na Janela**
- 10º- A moreninha
- 11º- Capitães da Areia
- 12º- **Código Da Vinci**
- 13º- Os três Porquinhos
- 14º- Romeu e Julieta
- 15º- Iracema
- 16º- **O Alquimista**
- 17º- O Menino Maluquinho
- 18º- A Branca de Neve
- 19º- Bom dia Espírito Santo
- 20º- **O Caçador de Pipas**
- 21º- **O segredo**
- 22º- **Vidas Segas**
- 23º- Chapeuzinho Vermelho
- 24º- Cinderela
- 25º- **O Monge e o Executivo**

Vejamos que dos 25 livros da preferência dos leitores 10 livros são best-sellers, ou seja, 40% dos leitores lêem literatura de massa. Essa literatura popular que são os best-sellers costuma agradar seus leitores, por possuir uma linguagem de fácil compreensão. Geralmente os leitores já sabem a resposta, sempre um final feliz. Regina Zilberman em seu texto *Quem se importa com os gêneros da literatura de massa?* Faz algumas considerações sobre essa literatura:

... a crítica literária do século do século XIX investiram contra as literaturas populares, sejam por privilegiarem a arte não utilitária e idealista, seja, como procede Sainte-Beuve no trecho reproduzido abaixo, por contraporem-nas à arte considerada superior, que recusa entregar –se à sedução do mercado: duas literaturas coexistem numa proporção bem desigual e coexistirão cada vez mais, amalgamadas entre elas como o bem e mal neste mundo, confundidas até o dia do juízo final: trataremos de desenvolver e amadurecer este julgamento, separando a boa e limitando a outra com firmeza. Porém, quando estas posições são formuladas, a literatura de massa era já uma realidade palpável, com gêneros próprios, como o folhetim sentimental, o relato de aventuras, a narrativa erótica considerada pornográfica, o romance gótico, e outros em formação, como a história policial e a literatura infantil. Por isso não há mais como ignorá-las, ela acaba por se introduzir nas considerações de dois ou mais ilustres pensadores da Karl Marx e Friedrich Engels. (ZILBERMAN, 1987.p.101)

De acordo com Zilberman os best-sellers que são produzidos e tem alto número de vendas, não possuem os elementos que estão presentes nas grandes obras literárias. Um dos fatores para essa grande vendagem é um enredo que sempre se repete até a exaustão. A literatura de massa sempre agrada o seu leitor invés de chocá-lo. Isso se deve ao fator dela estar ligada ao mercado de consumo, sempre ser adquirida como se fosse um objeto da moda a ser usado. (1987, p.p 102-103)

Entretanto, a incorporação das variedades de best-sellers ao campo reflexivo da Teoria da Literatura não pode se dar pela via da negação. Condená-los ao permanente dever-não ser significa, de um lado, manter a postura da ciência literária, de indiferença às preferências do público; de outro, endossar a ótica dicotômica, fundada num dualismo com resíduos moralistas que o bem (a literatura) ao mal (a literatura adjetivada: popular, de massa, infantil, oral, marginal, etc.). (ZILBERMAN, 1987, p. 104)

Desse modo podemos compreender como a literatura de massa vem se destacando entre os leitores. Desde algumas décadas atrás a indústria livresca usa o seu potencial de mercado para propagar seus livros aos leitores. Sendo

assim, devemos entender o papel que ela desenvolve na sociedade uma vez que é através dela que os jovens iniciam suas leituras.

Outro apontamento que a pesquisa nos mostra e é pertinente ao nosso trabalho é o seguinte questionamento: Qual foi o último livro que leu ou está lendo? Obtiveram como resposta em posições de lugares:

- 1º- Bíblia
- 2º- Ágape
- 3º- **A Cabana**
- 4º- **Crepúsculo**
- 5º- **Violetas na Janela**
- 6º- **O Caçador de Pipas**
- 7º- O Pequeno Príncipe
- 8º- **Amanhecer**
- 9º- Dom Casmurro
- 10º- **Harry Potter**
- 11º- Chapeuzinho Vermelho
- 12º- **O Segredo**
- 13º- **O Alquimista**
- 14º- **Eclipse**
- 15º- A Escrava Isaura
- 16º- **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**
- 17º- **Lua Nova**
- 18º- A Bela e a Fera
- 19º- **A menina que Roubava Livros**
- 20º- Iracema
- 21º- **Marley e Eu**
- 22º- Memórias Póstumas de Brás Cubas

Embora os teóricos sempre refutem as literaturas de massa, sabemos que é através dela que os jovens leitores desenvolvem o gosto pela leitura. Como podemos perceber acima, que 22 dos livros lidos, 13 são de massa, ou

seja, 59,09% são best-sellers. Sendo que 45,45 % são romances, 9,1% são auto - ajuda e 4,54% são drama.

É comum que os romances de best-sellers apresentem características de momentos corriqueiros que acabam por envolver o leitor, consequentemente deslancha a venda dos best-sellers. Bordini em sua obra "O temor do além e a subversão do real", faz algumas referencias sobre o assunto:

As histórias de horror, apesar da diversidade de seus meios expressivos, do conto e do romance góticos... definem-se mais pelo efeito irracional que produzem sobre o leitor, através de artifícios estéticos, do que pela estranheza intrínseca de seus temas, personagens, cenários e situações. (BORDINI,1987.p.1)

Para fazer com que o leitor prenda sua atenção o autor usa de todos os artifícios em sua escrita, um dos livros de interesse do público leitor é Harry Potter que apresenta em seu enredo essas características, bruxaria, magia, amizade e ambição.São através desses conflitos que os personagens apresentam que os leitores se interessam cada dia mais em ler literatura de massa por se tratar de acontecimentos que muitas vezes fazem parte da sua vida.

Vemos que as series de Harry Potter sempre ocupam uma posição na pesquisa. Sempre como uma das obras de literatura de massa mais vendida, mesmo com o alto número de páginas que o livro possui:

Os livros de serie Harry Potter são um dos maiores fenômenos de venda e de "consumos" pelo público jovem (e porque também não dizer infantil e adulto) dos últimos anos. São 400 milhões de exemplares vendidos em todo mundo, sendo 3 milhões aproximadamente, vendidos no Brasil. Estes livros têm despertado o interesse de milhares de jovens, motivando, muito deles, a ingressarem no mundo da leitura literária. Não é difícil encontrar um jovem leitor lendo um dos livros desta serie. Independente de sua qualidade, os livros de Harry Potter caíram no gosto popular e, por isso, talvez tenham, atraído a ira de muitos críticos. (TAVELA, S/D, p.5)

Podemos perceber que os best-sellers conseguem encantar o público leitor por ser uma leitura de fácil compreensão, envolve os leitores. Para Bordine 1987 “elementos aterrorizantes, como seres que se alimentam de sangue, espectros que assombram os vivos, homens que se metamorfoseiam em feras povoam o imaginário popular desde há milênios”, como vemos aspectos como estes estão presentes nas literaturas de massa, e são através desses elementos que o autor faz de seus livros os mais vendidos nos últimos tempos.

Percebemos que as literaturas estrangeiras estão mais presentes na vida dos jovens, onde as preferências são por romances de literatura de massa estrangeira como já foi apontado acima 45,45% dos leitores preferem os romances.

As justificativas para suas leituras são diversas: fáceis de ler, leitura rápida enredos interessantes [...] são características dadas ao produto da literatura de massa, assim como dizer que “é envolvente”, “emocionante” [...] Têm sido cada vez mais lidas, ou consumidas pelos adolescentes e ganhando espaço em seus armários, antes não habitados por romance. [...] A literatura de massa, constitutiva da história de leituras daquele[s] adolescente[s], tem sido o seu ponto de partida, a sua iniciação, ainda que solitária. (LOURENÇO, S/D, p. 377)

Devemos compreender que a literatura de massa ou os romances de best-sellers há muito tempo vem sendo a iniciação da leitura do público jovem leitor, uma vez que é através dela que os jovens adquirem gosto pela leitura. Para Lourenço (S/D) há poucas pesquisas a respeito de literatura de massa, o que podemos saber foi que ela surgiu para entreter os leitores e depois de algum tempo passou a comercialização dos livros para obtenção de lucros. Lourenço também faz referência da obra de Alfredo Bosi *Histórias concisa da literatura brasileira* em que faz uma breve explanação sobre o romance e a ficção no Brasil:

O romance romântico brasileiro dirigia-se ao público mais restrito do que o atual: eram moços e moças providos das classes altas, e excepcionalmente, médias; eram os

profissionais liberais da corte ou dispersos pelas províncias: era, enfim, um tipo de leitor à procura de entretenimento (BOSI, 1998)

Conforme Lourenço reflete, podemos dizer que às leituras de massa, antigamente eram restritas somente às classes sociais mais elevadas, com histórias que envolvia com seus enredos, que fascinavam o leitor.

As literaturas de massa como o romance policial são uma das mais lidas pelo leitor contemporâneo. O romance policial interage com seu público através das fantasias criadas pelo leitor sobre o personagem do texto, essa leitura faz com o que o leitor identifique-se com o personagem ou pelo fato do romance policial sempre propor ao leitor uma dificuldade em que ele tenha que resolver.

O romance policial é considerado cultura de massa por não promover instigação ou aprendizado ao leitor.

Todorov vincula o romance policial à cultura de massa pelas suas características formais... Através de uma arquitetura ficcional geométrica, a segunda história se desdobra a partir da primeira, já que o gênero não admite a princípio a morte do detetive (KHÉDE, 1987, p. 47)

Então, o romance policial não é considerado literatura porque a leitura literária faz reflexões sobre a própria vida sempre abordando temas em relação ao humano.

Sabemos que os jovens leitores têm por características próprias, suas preferências por leituras, pois a escolha do livro dependerá de sua história de vida, é a partir desse conceito que começamos a compreender o porquê da preferência por literaturas de massa.

Deve-se respeitar a leitura de cada aluno e ter em mente que "cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria" (CHARTIER, 1996, p.20). E a partir dessa apropriação dos textos que os jovens leitores se identificam com a obra, e passam a dar preferência para tal leitura.

Podemos perceber nessa pesquisa que os jovens consomem a literatura de massa diariamente. Talvez essas literaturas cativem por possuir um enredo

fascinante com questões do imaginário. Essas leituras sempre são dedicadas a determinado público “adolescentes”, e assim conseguem prender a atenção do leitor, pois as histórias sempre trazem conflitos dos personagens que se assemelham com o leitor.

Diante desses dados e sobre a literatura de massa, como iniciadora da leitura de muitos jovens, precisamos minimamente conhecer esse novo leitor que se apresenta a escola e o próprio texto, como unidade de sentidos. Assim, quando o aluno se depara com determinadas obras, precisamos compreender o que o leva a ser instigado por ela. Vejamos:

Vê-lo ajoelhado na minha frente, sentir sua boca em mim é algo muito inesperado e sensual. Mantenho as mãos em seu cabelo, puxando-o delicadamente ao tentar aquietar minha respiração bastante ruidosa. Ele ergue os olhos para mim através de cílios longuíssimos, o olhar ardente turvo. Então desabotoa minha calça jeans, puxa sem pressa o zíper. Sem tirar os olhos de mim, passa as mãos por baixo do cós, roçando de leve minha pele e alçando minha bunda. As mãos vão deslizando devagarinho por ali rumo à parte de trás das minhas coxas, descendo a calça jeans com elas. Não consigo desviar o olhar. Ele para e molha os lábios, sem interromper o contato visual. Inclina-se para frente, roçando o nariz na minha coxa até chegar no vértice entre minhas pernas. Eu o sinto. Ali. —Você é muito cheirosa — murmura ele, e fecha os olhos, com uma expressão de puro prazer, e eu praticamente me contorço. Ele puxa o edredom da cama, e gentilmente me empurra até que eu caia no colchão. Ainda ajoelhado, segura meu pé e desamarra meu All Star, tirando o tênis e a meia. Me apoio nos cotovelos para ver o que ele está fazendo. Estou arfando... de desejo. Christian levanta meu calcanhar e corre o polegar pela sola do meu pé. Quase chega a doer, mas sinto o eco do movimento nas minhas entranhas. Suspiro. Sem desviar os olhos dos meus, ele passa a língua, depois os dentes, pela sola do meu pé. Merda. Gemo... Como posso sentir isso ali? Torno a me deitar, gemendo. Ouço sua risadinha.

—Ah, Ana, o que faço com você? — sussurra. Tira meu outro tênis e minha outra meia, depois se levanta e arranca totalmente minha calça jeans. Estou deitada na cama só de sutiã e calcinha, e ele está me olhando. (JAMES, 2012.p.105)

A leitura da obra *Cinquenta Tons de Cinza*, *Cinquenta tons mais escuros* e *Cinquenta tons de liberdade*, de E.L. James ganharam livrarias e o gosto de adolescentes e adultos pelo mundo todo, tanto que em fevereiro será lançado o filme que adapta essa obra. Diante do sucesso desse romance, que se articula a ideia e as hipóteses desse trabalho, somos questionados: o que leva os jovens a desejarem envolver nessa leitura? O que esse texto traz?

Essas perguntas, que grande parcela dos professores fazem podem ser respondidas, quando avaliamos o texto em si: os jovens, diante da leitura do texto, se deparam com os personagens Anastácia, jovem, que ama a leitura, classe média baixa e Cristhian Grey, jovem, robusto e magnata dos negócios. Cristhian deseja ardentemente Anastácia durante a obra, *Cinquenta Tons de Cinza*. O resultado de um empresário rico e bonito, que se deseja ardentemente Anastácia, moça simples, traz o ideal romântico do homem rico que se apaixona pela plebéia. Isso projeta no imaginário das adolescentes, em especial, essa possibilidade de ser desejada e amada por um homem robusto, forte, inteligente e rico.

A linguagem é simples e erotizada, aproximando-se do público leitor-adolescente- e do universo contemporâneo, em que há um desnudamento de tabus. Em comparação, citamos a obra de Machado de Assis, *Dom Casmurro*- um ícone do realismo brasileiro, que se distancia, em certa medida, do público adolescente pela linguagem rebuscada e metafórica. Há que se considerar que *Dom Casmurro* exige uma certa maturidade do leitor:

Oh! Flor do céu! Oh! Flor cândida e pura!

Como e por que me saiu este verso da cabeça, não sei; sai assim, estando na sua cama, como uma exclamação solta, e, ao notar que tinha a medida de verso, pensei em compor com ele alguma coisa, um soneto. A insônia, musa de olhos arregalados, não me deixou dormir uma hora ou duas; as cócegas pediam-me unhas, e eu coçava-me com calma. Não escolhi logo, logo, o soneto; a princípio cuidei de outra forma, e tanto de rima como de verso solto, o soneto; a princípio cuidei de outra forma, e tanto de rima como de verso solto, mas afinal ative-me ao sonte. Era um poema breve e prestadio. Quanto a ideia, o primeiro verso não era ainda uma ideia, era uma exclamação; a ideia viria depois. Assim na cama, envolvido no lençol, tratei de poetar [...]

Oh! flor do céu! Oh flor cândida e pura!

Quem era a flor? Capitu, naturalmente; mas pode ser a virtude, a poesia, a religião, qualquer outro cenceito a que coubesse a

metáfora da flor do céu. Aguardei o resto, recitando sempre o verso, e deitado ora sobre o lado direito, ora sobre o esquerdo; afinal deixe-me estar de costas, com os olhos no teto, mas nem assim vinha mais nada. (MACHADO, S/D)

As leituras canônicas como podemos visualizar no texto acima, têm uma escrita mais intrincada, um dos fatores para essa característica é que o texto literário precisa do leitor para que haja uma ligação entre leitor e obra. A obra literária sempre possui espaços, e é o leitor que irá preencher as lacunas com suas interpretações, pois é o leitor que produz sentido ao texto.

O que podemos compreender é que os jovens preferem sim a literatura de massa, e cabe aos professores aproveitar essa iniciação ao mundo da leitura que o aluno já possui para saber orientá-los em novas leituras, leituras que possam abrir seus horizontes tornando-os leitores maduros para a arte literária.

CONCLUSÃO

Neste trabalho fizemos alguns percursos, sobre a importância da leitura, os estudos que vem sendo feito, como a leitura está se desenvolvendo na sociedade, quais são os tipos de leitura, como surgiu a leitura, os processos sofridos por ela até chegar à era da tecnologia.

A partir desses questionamentos podemos compreender que a leitura só acontece quando o sujeito leitor entende realmente o que leu a partir daí faz suas considerações sobre o assunto, só após a compreensão do assunto que podemos dizer que leitura acontece. Entender que a leitura é um processo social é saber que é através dela que nos interagimos com outras culturas, fazendo com que o leitor seja um formador de opinião.

Percebermos que após o surgimento da era digital, com ela veio também as mudanças, novas formas de leitura. Uma leitura mais interativa, podendo conectar-se em diversos textos praticamente ao mesmo tempo. As leituras muitas vezes acontecem por meios de fragmentos em frente a uma tela de computador.

Estabelecer essas considerações referentes aos gostos de leitura dos jovens, nos fez compreender que a literatura de massa ou se preferirem dizer os best-sellers, estão sendo a base de iniciação dos jovens ao mundo da leitura. O que resta ao professor é saber usar esse fator para dar continuidade ao processo de desenvolvimento de leitura do aluno, uma vez que um dos principais fatores ele já possui o hábito de leitura.

A nossa pesquisa mostrou que os jovens lêem sim, mas preferem os novos suportes de leitura e escolhem como livro de cabeceira a literatura de massa.

O que podemos verificar é que a literatura de massa, até certa medida, corresponde aos horizontes de expectativas do leitor, ou seja, vai ao encontro de seus desejos. Nesse sentido, por se aproximarem de seus desejos, os alunos ficam motivados a realizar sua leitura. Assim, ela, a literatura de massa, é a parte de acesso para que se constitua o hábito de leitura nos

alunos/adolescentes. Após essa fase inicial de motivação de leitura, o professor e os mediadores de leitura, devem ir, aos poucos introduzindo a literatura canônica, inicialmente, através de contos até romances, após a maturação do leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de, "Literatura e Conhecimento", in **Signo**, Santa Cruz do Sul: 2007.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. CECCANTINI, João Luís, **"Teclas e dígitos, Leitura, literatura & mercado"**, São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010.
- AGUIAR, Vera Teixeira de, Leituras para o 1º. Grau: Critérios de Seleção e Sugestão. Rio Grande do Sul, S/D.
- ARANHA, Gláucio. BATISTA, Fernanda, "Literatura de Massa e Mercado", in **Revista CONTRACAMPO do Programa de Pós- Graduação em Comunicação- Universidade Federal Fluminense**.Niterói, 2009.
- BIASOLI, Bruna Longo, **"As interfaces da literatura Infanto – Juvenil: Panorama entre o passado e o presente"**, in Revista de Estudos Literários Terra Roxa e outras terras. Vol. 9, 2007.
- BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. **"Literatura A Formação do Leitor"**. Porto Alegre. Mercado aberto, 1988.
- CHARTIER, Roger "Escutar os mortos com os olhos", in **Estudos Avançados**, 2010.
- CHARTIER, R. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CLECIO, Bunzen. MENDONÇA, Márcia, Português no ensino médio e formação do professor. (org.) Ângela B. Kleiman, in **Leitura e prática social no desenvolvimento de competência no ensino médio**, São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- COSTA, Jurandir Freire, "Juventude e Sociedade, Trabalho, educação, cultura e participação", in **Perspectiva da Juventude na sociedade de mercado**, Institui Cidadania, Edit. Fundação Perseu Abramo, S/D.
- CORSO, Mário, "Adolescente e a Modernidade" in **Admirável mundo teen**. Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões, Rio de Janeiro, 1999.

- CANDIDO, Antonio "o direito a literatura" in **Vários escritos** s/d.
- DERING, Renato de Oliveira, "Questões de literatura de massa e crítica literária", in Revista litteres, Jataí: 2013.
- ECO, Umberto "**Seis Passeios pelo Bosque da Ficção**" Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- ECO, Umberto, "**Interpretação e Superinterpretação**" Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins, 2005.
- GROPPO, Luís Antonio, "**Juventude: ensaios sobre sociologia e história das Juventudes Modernas** – Coleção Enfoques. Sociologia. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- GONÇAVES, Lilia aparecida da Costa, "A leitura e as novas formas de ler: um breve histórico", in Revista eletrônica do Instituto de humanidades, 2010.
- HISTORIA DOS JOVENS**/ Org. Giovanci Lev, tradução Paulo Neves, São Paulo, Companhia das Letras. 1996.
- ISER, Wolfgang, "O fictício e o Imaginário" in **Perspectiva de uma Antropologia Literária**, tradução de Johannes Kretschmer – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- JAUSS, Robert Hans, "**A História da Literatura Como Provocação À Teoria Literária**, São Paulo: Editora Ática, 1994.
- LAJOLO, Marisa. "A leitura literária na escola" e "Os leitores, esses temíveis desconhecidos", in: **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, Ática, 2002
- LOURENÇO, Daiane da Silva, "Adolescentes Leem, Sim: A Circulação da Literatura Estrangeira na Escola", in II colóquio da Pós- Graduação em Letras UNESP, Assis, S/D.
- LIMA, Batista de, "Do sabor do texto ao prazer da leitura", in **Revista de letras** – n°. 20- vol. 1/2 – Jan/dez. 1998.
- MAGALÃES, Epaminondas de Matos, "O admirável gosto Literário do Mundo Teen. Anais do II Ciclo de palestras sobre Pesquisa em Literatura / 2012.
- MARTINS, Maria Helena. "**O que é leitura**" 19. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994-(Coleção primeiros passos; 74)

MORIN, Edgar, **"Cultura de Massas no século XX. O Espírito do Tempo – I Neurose"**, Tradução de: Maura Ribeiro Sardinha- 9 ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1997.

SANTIAGO, Silviano, "Literatura e cultura de massa", S/D.

SILVA, Mayara Cordeiro. COSTA, Rebeca Thamyres de Missena, "Pelo Prazer De Ler: Reflexões acerca da leitura, a experiência literária e a escola", in, **"Gestão da Educação em Alagoas: Ameaças e Desafios"**, Alagoas, 2013.

SOUZA, Danilo Fernandes Sampaio, "A influência da literatura de massa na formação do leitor adolescente", S/D.

SOUZA, Luciana Vigília Amorin de, "Leitura na teoria e na prática: obrigação ou Prazer? Anais Eletrônicos III ENEILL, Itabaiana, 2012.

SOUZA, Malu Zoega de, **"Literatura juvenil em questão: a aventura e desventura de heróis menores"**. São Paulo: Cortez, 2001.

SÁ, Marcio Cícero. Da literatura fantástica (Teoria e Contos) in: **A definição Temática**. São Paulo 2003.

TAVELA, Maria Cristina Weitzel, "Literatura de massa na formação do leitor literário", Juiz de Fora: S/d

ZILBERMAN, Regina **"Os preferidos do público" Os gêneros da literatura de massa**. Petrópolis: Vozes, 1987

ZILBERMAN, Regina "No Começo a Leitura" in **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n.69, jan/mar.1996.

ZILBERMAN, Regina. SILVA, Ezequiel Theodor **Literatura e Pedagogia: ponto & Contraponto Capítulo 1: definir as bases teóricas sobre a seleção dos textos literários**. São Paulo, Ed. Global, 2008.

ZILBERMAN, Regina. Novembro 2014, Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1517106x2008000100006&script=sci_arttext>. Acessado em: 09. Novembro de 2014